

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE JULHO DE 1917

ANO II—N.º 25

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1\$000 BRAZIL
SEMESTRE . . . 550 ANO 7\$000
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoarria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

UM ANNO!

UM ano decorreu, sobre a publica-
ção d'esta Revista.

E até agora nem um desfalecimento,
nem um desvio do caminho traçado.
Ao lança-la á publicidade movia-nos
a ideia que ainda hoje domina a nossa
vontade: a propaganda e o desenvol-
vimento do turismo nacional, pois que
n'elle está uma das mais poderosas re-
citas da vida moderna.

E quantos obstaculos, quantas difi-
culdades a nossa vontade de ferro tem
conseguido vencer?!

Quantas más vontades tem posto de
parte a nossa persistencia e a nossa
inquebrantavel fé no futuro!

Não se contam; avalia-se folheando
os vinte e quatro numeros publicados,
e olhando em redor do nosso meio de
acanhadas vistas e de atravancamen-
tos das iniciativas em prol de uma ideia,
ou de uma vontade.

Mas a par d'isso, justo é louvar os
que teem auxiliado a nossa campanha,
com o concurso das suas forças e da
sua dedicação.

Poucos teem sido, é certo; mas, como
a nossa ambição é limitada, não des-
faleceremos facilmente no caminho que
impozemos á nossa energia.

Ha um ano que aquí vimos bata-
lhando, sem um momento de treguas,
pelo turismo nacional, que ninguem
ignora ter na nossa terra, tão verde,
tão cheia de sol e tão carinhosamente
batida pelo mar, um dos mais delicio-
sos recantos que a Natureza lhe podia
oferecer.

Mas, como nem só de amores vive
o poeta, também o turismo não vive
só de paisagens surprehenderes e de
monumentos celebres.

E' preciso que ao viajante, se lhe
ofereça bons hoteis, faceis e commodos
meios de transporte e que os nossos
costumes, d'alguns pontos, lhe não pa-
reçam de uma terra selvagem e de
um povo sem educação. E, a par
d'isso, também é preciso que todos nos
compentremos de que a propaganda
é a vida, e que não devemos deixar aos
outros aquilo que nós devemos fazer.

Aos nacionaes raro lhe chegam echos
da terra que fica além dos limites da
sua provincia, e aos estrangeiros pouco
mais lhes é dado do que ouvir falar da
nossa terra, pela boca de um viajante
tresmalhado que por aquí divagou.

Na Argentina, d'onde anualmente
um exodo de viajantes endinheirados
vem á Europa fazer economias—pois
na sua terra a vida é mais cara—ra-
ramente se ouve falar do nosso paiz,
do seu clima saluberrimo, das suas
paisagens cheias de encantos, dos seus
monumentos repletos de maravilhas de
arte e do seu serviço directo Lisboa-
Paris.

No Brazil, onde uma colonia impor-
tantissima de patricios nossos dá, com o
seu trabalho, uma nota segura do labor
e da bondade do nosso povo, poucas
vezes se faz uma referencia ás sur-
prehenderes belezas que Portugal en-
cerra no seu continente.

Na America do Norte, onde o espi-

rito impressionalista domina os seus
milhões de viajantes, ninguem ainda
se lembrou de fazer echo do nosso
solo bendito.

A propria Europa desconhece, quasi,
este belo rincão da sua praia occidental.

Na Inglaterra onde um nevoeiro
quasi permanente lhe embaça o Céu
e os campos, com dificuldade chegam
referencias do nosso sol.

D. Julia Lopes de Almeida, a ful-
gurante escriptora brasileira, fez sa-
liantar na sua celebre conferencia, no
salão do *Jornal do Comercio* do Rio
de Janeiro, o seu entusiasmo pelo Por-
tugal florido, e a sua estranhesa pelo
esquecimento a que o votamos.

O incitamento a nós todos em di-
vulgar a nossa terra, feito n'essa me-
moravel conferencia, — de que aquí
demos largo relato — poucos o teem
seguido, mas nem assim nos desvia-
remos do caminho traçado.

E por isso, nós nos abalançamos
a esta tentativa, não de fazer um grande
echo, lá fóra, das nossas coisas, porque
as nossas forças o não permitem, mas
a incitar aqueles, que lhes compete, a
fazel-o; e a dizer a todos, que olhem
melhor para a sua terra, já moderni-
sando-lhe os costumes, já elevando-a e
fazendo-a conhecer e amar.

Muito já tem feito a *Repartição de
Turismo*, e a *Propaganda de Por-
tugal*. Muito teem ainda a fazer, e
n'essa laboriosa faina, de tudo moder-
nizar e tudo fazer conhecer, encon-
trar-se-hão, com a nossa persistencia
e com nossa vontade de ferro.



Comemoração do nosso numero de hoje

PELO motivo de ser este numero o primeiro do nosso segundo anno de existencia, honram-nos com a sua colaboração, varios cultos de destaque no meio turistico de Portugal.

São eles: Magalhães Lima, o estrêmo batalhador da causa do Turismo e do internacionalismo; Dr. José de Athayde, o digno director da Repartição de Turismo, cujo talento e trabalho, que ha anos veni dispensando à mesma causa, está patente na já grande obra d'aquella Repartição; Jayme de Padua Franco, o incansavel director-secretario da tambem incansavel Sociedade Propaganda de Portugal; L. de Mendonça e Costa, um dos mais devotados percursores do Turismo no nosso Paiz e fundador da Sociedade Propaganda de Portugal; J. Marrecas o bairrista intransigente e Jorge Afonso, pseudónimo d'um illustre e recatado escriptor, cujo talento largamente se avalia pela sua magnifica prosa.

A todos apresenta a Revista de Turismo, o preito da sua homenagem e do seu reconhecimento.



Lisboa, 26 de Junho de 1917

... Sr. Director da «Revista de Turismo»
—Lisboa

Satisfazendo aos desejos de V. junto envio um artigo para ser publicado no numero comemorativo do primeiro anniversario da Revista.

E' ele destituído da linguagem fluente e brilhante dos que com um espirito ardente e empolgante atraem e prendem; mas trata de assumpto de interesse geral para o Paiz, sob o ponto de vista turistico, por isso o julguei em condições de poder ser apreciado pelos seus leitores. E' um assumpto palpitante e de ocasião, em que a nossa Sociedade «Propaganda de Portugal» se empenha pela criação de um «Bureau de Renseignements» em Paris. E' problema de grande alcance para o desenvolvimento do turismo, do qual grandes vantagens se devem colher para que o nosso Portugal seja procurado e visitado pelos estrangeiros.

A Sociedade «Propaganda de Portugal» reconhecendo os relevantes serviços que a «Revista de Turismo» vem prestando ao Paiz e da sua excelente cooperação no seu patriótico programma, não pôde deixar de n'esta comemoração prestar a mais justa e entusiástica homenagem, fazendo votos pelas suas prosperidades e para que prosiga brilhantemente a sua carreira tão admiravelmente encetada.

Com a maxima consideração subscrevo

De V....

O Director-Secretario

JAYME DE PADUA FRANCO

AOS DIRECTORES DA «REVISTA DE TURISMO»

A minha homenagem



DR. MAGALHÃES LIMA

Meus prezados companheiros e amigos:

MUITO a correr, permitam-me que aproveite a data do 1.º anniversario da sua interessante Revista, para os felicitar calorosamente, com os meus votos mais ferventes pelos successos a que tem direito. Não é longo o caminho percorrido. Mas a obra, já feita, contará com uma iniciativa prestante e fecunda. Seriam poucos todos os elogios que lhes pudesse prodigalizar. Quebrar a rotina, n'um paiz como o nosso, enveredar por novas estradas, é praticar um acto de benevolencia.

Os meus amigos tem lançado à terra a

boa semente. E os frutos hão de colhel-os fartamente as gerações do porvir.

A Revista de Turismo veio preencher uma lacuna no nosso meio. A firmeza de pulso com que fizeram frente aos primeiros embates e a tenacidade que tem demonstrado, são de molde a vencer todas as dificuldades. O essencial é ter-se a convicção de que se serve uma boa causa. E que melhor causa poderá haver que a do turismo? N'ele reside o segredo do nosso futuro economico, como fonte de receita principalissima.

N'este ramo industrial está quasi tudo por fazer. A campanha, sem o que não ha turismo possível, em favor de boas estradas e de hoteis modernos e confortaveis figura entre as primeiras. E a colaboração que, sob este ponto de vista, a Revista de Turismo nos tem prestado, tem sido das mais preciosas e uteis. Pela sua orientação e pelo espirito que a anima, tornou-se ela uma publicação por igual necessaria a nacionaes e estrangeiros. Isto lhes deve bastar, creio eu, para proseguirem, na sua patriótica tarefa, com o mesmo ardor, com o mesmo entusiasmo e com a mesma fé.

Queiram aceitar a expressão da minha solidariedade na causa comum.

Lisboa, 1-VII-917.

MAGALHÃES LIMA

A «REVISTA DE TURISMO»,

PARECE que ainda foi hontem, e já lá vae, todavia, um ano que a «Revista de Turismo» appareceu pela primeira vez sobre a nossa meza de trabalho.

Foi com desconfiança—recordamol-o bem—que a abrimos e a folheámos. A que viria essa revista? Quaes os seus intuitos? A que planos obedeceria? Seria um trabalho honesto que viria preencher uma lacuna, aliás bastante sensível do nosso meio, ou consistiria apenas numa destas folhas inclassificáveis que não ensinam, que não educam, e que servem exclusivamente para malsinar e apoucar as mais puras intenções e as mais proveitosas iniciativas.

O exame atento que fizemos do primeiro numero da «Revista de Turismo» desvaneceu completamente as

nossas apprehensões. Por ele podemos verificar que se tratava duma iniciativa, modesta sem duvida, mas intelligente, bem orientada e, sobretudo, profundamente util, num meio como o nosso tão escasso em publicidade de caracter turistico.

Tornamo-nos então leitor assiduo da Revista, onde, para que ocultar a verdade?, alguma cousa temos aprendido.

A Revista de Turismo impõe-se pela maneira como critica e como comenta.

Não uza o tom impertinente do *magister dixit*, quando pretende que vingue qualquer iniciativa da sua lavra. *Alvitra e sugere*, aduzindo argumentos sobre argumentos, esperando conseguir as cousas, apenas pelo *convencimento*, desprezando os faceis processos da intimidação e do escan-

dalo, tão frequentes infelizmente entre nós.

Não sabemos como vive a Revista de Turismo. Com uma reserva facilmente compreensível nunca os seus redactores, com quem inumeras vezes temos falado, nos disseram uma só palavra a tal respeito.

Não nos parece contudo que façamos um juízo temerario supondo que a Revista viva, senão com dificuldades, pelo menos pouco desafogadamente.

A época que atravessamos é má para iniciativas destas e o nosso meio

se devem seguir para o desenvolvimento do nosso turismo, precisava ser lida, *cuidadosamente lida*, para todos os que tem relações directas ou remotas com o turismo.

Dar-se-ha isto?

Estamos convencidos de que não. O nosso meio, é, geralmente omnisciente. Todos nascem tendo já ideias feitas sobre todos os assuntos.

Ninguém precisa aprender. O ensino e a aprendizagem tornam-se quasi escuzadas num paiz em que todos são sabios.

E' por isso que a «Revista de Tu-

rismo» que procura, com uma discreção e delicadeza raras, educar o nosso meio turistico deve lutar com muitas dificuldades para vencer.

A tenacidade e a intelligencia dos seus redatores, o conhecimento profundo dos assuntos que versam, a nobreza dos seus processos jornalisticos, são garantia de sobejo, porém, para que a Revista num espaço mais ou menos curto de tempo tenha a expansão e o desenvolvimento que merece.

São os votos mais sinceros do

JOSÉ D'ATHAYDE



DR. JOSÉ D'ATHAYDE

não está ainda preparado para elas. A «Revista de Turismo», como outra semelhante, deveria ser auxiliada por todas as entidades que se interessam pelo turismo, ou que, com o turismo, nas suas variadas manifestações tem pontos de contacto ou afinidades. Todas as agencias de viagens e de excursões deveriam contribuir para a sua expansão.

Todos os hoteis, verdadeiramente dignos deste nome, deveriam auxiliá-la, facilitando-lhe a sua missão e utilizando-a como um agente de propaganda a bem dos seus interesses. Administrações de Caminhos de Ferro, Sindicatos de Iniciativas, Camaras de Comercio e Camaras Municipaes, todas estas corporações tem a obrigação moral de concorrer para a vida e para o desenvolvimentodesta revista, porque só tem a lucrar com ela.

A Revista de Turismo, sendo um jornal de especialidade, o seu objectivo consistindo quasi que exclusivamente na propaganda de turismo e na divulgação de processos e methodos que

«BUREAUX DE RENSEIGNEMENTS, E O TURISMO

ALGUNS jornaes publicaram a noticia de que o Governo estava tratando de crear em Paris uma Camara de Commercio, sendo-lhe anexoado um «Bureau de Renseignements», especie de Delegação da Sociedade «Propaganda de Portugal» e do Conselho de Turismo. Não ha senão que louvar o proposito do Governo. As vantagens da Camara de Commercio, são d'uma evidencia que dispensa comentarios.

Quanto ao «Bureau de Renseignements», e é este o capitulo que especialmente interessa o espirito da Sociedade «Propaganda de Portugal», a cuja influencia patriotica tenho dedicado, com bastante *carolice*, o melhor da minha energia nos ultimos annos, o seu effeto benefico para o paiz não pôde soffrer a menor duvida. Todos os paizes em que o turismo é possivel tem em Paris, foco de irradiação poderoso, uma base importante da sua prosperidade n'esse ramo. Toda a gente que utiliza os excessos do dinheiro em busca de novidades e de impressões variadas, vae parar á capital da França e d'ahi deriva para todos os pontos que possam offerecer atractivos.

Um «Bureau de Renseignements» que dê aos francezes e estrangeiros em Paris todas as facilidades de informação, sobre as nossas condições turisticas, é um elemento seguro de

vantagens economicas para Portugal. Nós temos além das belezas classicas da natureza, como Cintra que Byron cantou, variadissimos pedaços de paisagem que pôdem confrontar-se com o que ha de melhor por esse mundo. A região dos Estoris e Cascaes, com a conhecida «enseada azul», a vastissima e formosa bahia de Lagos com as suas pitorescas praias entre as



MINHO—CASCATA DE LEONTE

quaes se destaca a celebre praia da Rocha tão prodigamente dotada de belezas naturaes que outra não conheço mais linda, o alcantilado trecho da Torre do Outão, o idílico e medieval encanto do Castelo de Almourol, as serras da Estrela, do Marão, de Monchique, o Caramulo, maravilhoso, as paizagens do Alto Douro e Valle do Vouga, com penedias a que Junqueiro chamou «tragiões vagalhões d'um mar petrificado»; o Minho verdejante como um pomar viçoso, Braga e Bom Jesus um bocado de paraizo cheio de tradições, o Tejo que Herculano escreveu com entusiasmo épico, tudo isto constitue um riquíssimo mostruario de belezas, a que se podem juntar para a atracção do turismo inteligente as maravilhas artisticas dos Jeronymos, Batalha, Alcobaça, Thomar, Sé de Coimbra, varios trechos de antiguidade romana, como Evora, Museu de Arqueologia e Belas Artes, etc., etc.

E sobre estas informações que o «Bureau de Renseignements» pôde apresentar á curiosidade do turismo, ha as vantagens de informação pratica, relativa a hotéis, transportes, praias e thermas, sanatorios e tambem sobre productos da nossa agricultura, da nossa industria, etc.

Os vinhos licorosos só por si, e espe-

Estou convencido de que a criação do «Bureau» será uma realidade para muito breve, dado o empenho patriótico da Sociedade «Propaganda de Portugal» e do Conselho de Turismo e a inteligente boa vontade com que o que o Governo secundou a ideia.



Séde da «Propaganda de Portugal»

E' necessario aproveitar principalmente este periodo anterior á paz, para que ao terminar a guerra esteja tudo a postos no desempenho d'esta missão patriótica.

Junho 1917.

PADUA FRANCO

A «REVISTA DE TURISMO» E A IMPRENSA

A «Revista de Turismo», ao entrar no segundo ano de publicação, não podia deixar de apresentar os mais cordeaes cumprimentos aos seus colegas e de testemunhar-lhes o mais profundo reconhecimento pelas muito amáveis referencias de que foi alvo durante o seu primeiro ano de existencia.

Tem sido bastante ardua a nossa missão, e todos avaliam, certamente, a soma de sacrificios que temos posto á prova para se manter uma publicação no genero d'esta Revista, mórmente na difficilissima situação que atravessamos. Serve, porém, de lenitivo á nossa aspera cruzada as boa-vontades, os aplausos e incitamentos que de toda a parte nos tem sido dirigidos e o acolhimento admiravel que a nossa ousadia tem merecido.

Não podemos, todavia, esquecer o grau importante com que a Imprensa Portugueza tem contribuido para que a nossa modesta obra venha a ter o futuro que é a nossa mais cara ambição — tornar bem conhecido o nosso Paiz e espalhar *urbi et orbi* as belezas d'esta Patria, muito nossa e muito querida;

e assim iremos até onde nos fôr possível, simplesmente animados pela divisa que nos impuzemos, entusiasmados n'esse brado patriótico do imortal auctor dos Luziadas:

Cantando espalharei por toda a parte

E' este o nosso lema, é esta a estrela que nos guia n'este mar porceloso, onde tantos e tão variados bateis tem naufragado . . .

Seguiremos, contudo, caminho a direito, tanto mais animados quanto mais nos convenceremos da inadiavel necessidade da existencia da «Revista de Turismo» mesmo porque ella é a unica publicação que, no seu genero, se faz em Portugal.

No estrangeiro, algumas Revistas que se publicam com a indole da nossa, tem, geralmente, um larço publico e gozam de regalias quasi excepcionaes, alem de contarem com o enorme auxilio de numerosos assignantes e anunciantes. Mas, fóra das barreiras do nosso Paiz, toda a gente lê com interesse seja o que fôr, e o comercio intende que o réclame—especialmente o feito pelo anuncio—é o filão onde se desenvolvem e progredem as suas receitas. Isto constata-se facilmente folheando qualquer Revista ou illustração estrangeira.

Aqui, não obstante o pouco divertimento que a leitura causa . . . aos portuguezes, ha a maior dificuldade em convencer os comerciantes das vantagens da propaganda do seu ramo pelo anuncio.

Emfim, que mesmo o pouco concurso que temos encontrado da parte de quem se podia interessar pela nossa publicação—que engrandece uma Patria—nunca nos falte, e isso esperamos verdadeiramente confiados na comprehensão dos deveres que a todos incumbem.

A'queles, pois, que nos tem prestado a sua mais franca e sympathica adhesão e que com o seu valioso incitamento nos tem animado a proseguir n'esta lucta titanica, aqui deixamos consignado o protesto do nosso reconhecimento.

Nos agradecimentos que dirigimos a todos os nossos muito prezados colegas nas lides jornalisticas, especialissimos, como um gratissimo dever, aqueles que com uma verdadeira dedicação e com um incondicional aplauso nos tem dirigido constantemente palavras de conforto e de louvôr, muito principalmente aos que nos felicitaram pelo nosso primeiro aniversario; e estamos certos de que a linha traçada pela «Revista de Turismo» ha-de merecer sempre o auxilio de todos quantos se interessam pelo progresso de Portugal.



SERRA DA ESTRELA - PENEDOS

cialmente Porto e Madeira, justificam a necessidade d'um posto em Paris onde fossem fornecidas indicações seguras para defezer contra as falsificações.

NO ANIVERSARIO DA "REVISTA,"

O aniversário — e o primeiro aniversário — e no anno da graça de 1917 (!) — dum jornal de turismo; quer dizer, fundado, portanto, em julho de 1916, dois annos quasi, depois daquelle fatal 4 d'agosto de 1914 a data mais horrivel da historia da humanidade!

Mas isto é phantastico, é sonho, é sobrenatural, é giganteo, é estrambolico, é tudo quanto se pode — e nem comprehendendo como se possa — imaginar de mais assombroso, de mais conducente ao pasmo, pelo extraordinario; ao estonteamento, pelo arrojo.

Fundar e continuar uma revista, n'esta tenebrosa segunda decada do seculo XX, é levar á pratica o impossivel; é tudo que ha de mais notavel na historia dos grandes committimentos!

Um jornal para promover o turismo, em 1917!

Eu ainda admittia — porque a palavra tem dois sentidos — que fosse só para *fomentar* o turismo, porque elle, coitado, tão doente está que de fomentações bem precisa.

Mas um jornal dedicado a turismo, a viagens, e navegação! Em 1917?

O turismo! mas o que significa este substantivo entrado nos ultimos annos nos dictionarios?

E' a viagem de recreio, de aprazimento, rodeada das commodidades, feitas com liberdade; com itinerario preconcebido ou previamente estudado, ou com o encanto da digressão occasional, dia a dia orientada, alterada ahi, por vezes n'um momento.

Ora desde aquella data horrivel em que a Europa *começou* a envolver-se na lucta tremenda que hoje se tornou universal, antes de, na fronteira desse pequeno-grandioso paiz, a Belgica, morreu o primeiro soldado, morreu, por toda a parte, o turismo

Nesses trez annos horriveis que se lhe tem seguido, a morte do turismo mais se confirmou pela transformação da materia de que elle se compunha.

Hoteis, esplendidos hoteis em que se alojava, por essas montanhas dos Alpes, dos Pyreneus, são hoje vastos hospitaes de sangue; automoveis de que elle se servia para se transportar rapido de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, andam hoje blindados, vomitando metralha; aeroplanos que o elevavam por sobre a terra a admirar-la como uma carta geographica, esvoaçam hoje uns contra outros, em lucta de exterminio, a lançar bombas incendiarias.

Os panoramas, vastos ridentes, pittorescos que se gosaram do alto das montanhas, onde existem hoje? se n'essas florestas encantadoras cuja cabelleira verde cobria extensões immensas, estão hoje destruidas, as arvores, arrancadas pelas granadas do 75 ou cortadas pelo machado do teutão em retirada!

A Suissa, a encantadora Suissa, que um viajante em tempo classificou de toda ella «um grande hotel» está hoje



L. DE MENDONÇA E COSTA

um grande campo de concentração de expatriados, um enorme hospital de feridos, onde essas raparigas de Appenzell, em vez de, com os seus vistosos trajos de colletinho de velludo preto e encarnado com correntes de prata nos hombros, a sua touca de grandes azas de cassa branca, nos servirem, sorrindo, o bom leite ou o apetitoso jantar, vestem o roupão branco que lhes encobre as fórmas, tendo no peito a cruz vermelha da benemerita instituição e cobrem os cabellos com o barrete da enfermeira, para applicarem pensos e ministrarem tizanas.

Quem diz turismo diz bons comboios rapidos; e na Europa toda, desapareceram os expressos, para só andarem, nas raras linhas não affectas ao serviço militar, ronceiros comboios, com a *pasmosa* velocidade de... 40 kilometros á hora.

Diz boa alimentação; e por toda a parte ella escasseia e encareceu; diz socego, bella disposição de espirito; e quem é que tem d'isso hoje, quando

ninguem sabe o que será o dia d'amanhã, e cada dia nos prepara uma nova surpresa desagradavel?

Diz luxuosos vapores, navegando empavesados de dia e brilhantemente illuminados de noite, ao som das muzicas alegres, na coberta, por entre as primorosas margens do Lemán, ou do Como, ou as extraordinarias ruinas dos templos do velho Egypto; e hoje a muzica que a miude se ouve a bordo é o estampido do torpedo no casco, e por entre as columnas dos velhos templos dos Ramsés julga-se divisar a bocca hiante dos formidaveis canhões.

O turista acabou por vestir a farda do soldado; em vez da maleta usa mochila, e em lugar de *alpenstock* usa a Mauser; tem por *camping* a trincheira, e serve-lhe de cicerone a bandeira da patria que defende.

Mas, dir-nos-hão, não se trata de turismo no presente, mas de semealo para o futuro.

Sim; bem o sei. Disseram os jornaes que já 150.000 americanos tinham tomado passagens em vapores para a Europa, para depois da guerra irem visitar os logares da terrivel hecatombe.

Mas esses americanos anteciparam a viagem; não é depois da guerra que virão, para ver, mas durante a guerra, para combater — já alguns desembarcaram em Bordeus; já um batalhão se apresentou em Paris, e outros se lhe seguirão.

O americano, sempre original, extraordinario aproveitou o ensejo para transformar o turismo em *turismo* e visto que Roosevelt ao deixar a cadeira presidencial, tomou a carabina e se foi para o interior d'África, a caçar leões, elles tomam-lhe o exemplo e vem ao interior da Europa caçar allemaes. Tudo por sport, por turismo, já se vê.

A propaganda do turismo, pois limita-se ao sonho cõr de rosa de um futuro tão remoto, que eu não posso deixar de pasmar do que d'elle se falle.

E' por isso que eu considero uns espiritos de eleição pela sua dedicação a uma causa adormecida, quem fundou e mantem um jornal como a *Revista de Turismo*.

Hoje que o positivismo humano, que a revolução de 1793 estabeleceu como principio, só trata de obter vantagens immediatas, estes arrojados plantadores do futuro precisam de ter muito altruismo para tanto luctarem pelo bem das gerações vindouras.

Agradeçamos-lhes, pois, os serviços que prestam... aos nossos netos.

L. DE MENDONÇA E COSTA

O ALGARVE

JUSTAMENTE n'esta quadra do ano a provincia começa a ter o aspecto tão profundamente característico, tão insinuantemente encantador.

V. Ex.^{as} sabem lá que scenarios imprevistos se compõem com os penhas-

na faina das «armações». A's vezes vem do Estreito o «levante» maldito e vá de «meter a vela nos rizes» e se o mar aperta, ganhar o porto a tempo que uma volta de mar mais damninho não desarvore o barco, correndo sem

Os arabes deixaram-lhe impresso a fogo o seu caracter e a sua surpreendente civilisação.

Os processos de irrigação hortelôa, as nóras, as chaminés das casas, as cisternas e o curiosissimo vocabulário, são quasi ainda do tempo dos moiros. E moiros são tambem certos olhos negros, profundamente scismadores, que a gente ás vezes topa nas estradas, sombreados pela dobra do chaile pôsto á cabeça, como um biôco.

As lendas ainda se encontram nas aldeias... E certos sitios ainda se chamam «Pedra moirinha» «Mata-moiros» «Cabeça da Moira»... Ainda ha mesmo quem afirme que na noite de S. João, junto de certa figueira, um menino moiro oferece figos aos viandantes — figos que logo se conhecem serem belas dobras de oiro batido...

V. Ex.^{as} sorriem... Mas estas coisas lá na Provincia teem um encanto profundo e dôce.

E aquella gente que sabe compôr assim estas crendices e que n'elas scisma por vezes, tem no sangue o germen que predispõe á poesia. As trovas dos bailaricos, tão ingenuas algumas, são contudo um mimo de composição. As proprias lendas que o povo tem aprendido das gerações que passam, são admiravelmente urdidadas.



PRAIA DA ROCHA

cos á beira d'agua, os alcantis da penedia onde se debruçam as figueiras, os troncos verdes-negros das enormes alfarrobeiras e a graça sempre airosa e classica das altas palmeiras baloiçadas á brisa do mar!

Em cada «monte», nos eirados das cisternas branqueadas a cal, ha vasos de cravos e verbenas. As altas chaminés moiriscas, gradeadas e vermelhas, tem sempre uma columna de fumosinho leve que logo se desfaz.

No ar anda a rescendencia dos fenos, das grandes médas de palha das eiras e das florescencias que o campo todo por ahí vestiu por entre os regos dos forragiaes; nos valados das estradas e á beira dos regatos a que a estiagem vae já mostrando o fundo de seixos côr de carne.

Nas eiras andam a debulhar.

D'aquí a nada começam a estender-se os «almeixares» para a seca do figo. E grandes enxames andam de roda das figueiras, doirados á luz, como faulhas de sol.

Por toda a costa os «bateis», de vela bastarda cheia de vento, andam

governo no dórso do vagalhão.

V. Ex.^{as} devem ir ver essa facha de terra que se alinha ac sul entre a cordilheira e o mar. Como a natureza muda de aspecto e como o Alemtejo com as suas «stepes» abraçadas e mo-

men que predispõe á poesia. As trovas dos bailaricos, tão ingenuas algumas, são contudo um mimo de composição. As proprias lendas que o povo tem aprendido das gerações que passam, são admiravelmente urdidadas.



SAGRES—VISTA DA PRAIA

notonamente amarelas de restolho, se parece pouco com a terra algarvia, tão cheia de vida e tão recortada de caes, acenando com a sua brancura do alto de cada monte.

A gente da borda d'agua, descendentes dos primeiros marinheiros de Sagres, é afoita no mar e vive d'ele

á larga, porque o peixe rende fortunas.

E todo o povo é bondoso e pacífico; porque tem a tonificar-lhe as ardenças do sangue, o espectáculo purificador e benéfico do grande mar que se estende lá para a banda d'Africa — o mesmo que singram as primeiras ca-

relvas dos descobridores, sob o olhar enternecido e ambicioso do Infante arriado ás penhas da encosta, com o punho apoiado no queixo de voluntario e audacioso...

Junho de 1917.

C. MARRECAS

IMPRESSÕES DA NOSSA TERRA

DAS CALDAS À FOZ DO ARELHO

HA impressões de beleza que emocionando-nos um momento a alma as não gasta com facilidade o tempo. Não são letras que se gravam

sua lagôa, e a escutar embevecida e silenciosa as melopeias dolentes do oceano em bonança ou o bramir clamoroso do seu eterno porfiar.

Recordo-me bem. Foi por uma tarde de outubro, uma d'essas tardes de sol esmaecido e frouxo a pôr na vegetação dos campos cambiantes de amarelo como de febre que a mina e definiu até a despojar das louçanias do estio e dei-



CALDAS DA RAINHA
UM TRECHO DO PARQUE

xá-la despida e esqueletica a tiritar de frio du-

na areia movediça da praia e que a onda a rolar tão facilmente apaga nem tão pouco os sons retumbantes das vibrações do bronze, que embora longe, na solidão se perdem.

Ha impressões de beleza que tocando-nos o espirito, por tal forma lá se fixam e gravam que atravez dos tempos n'ele se conservam frescas como na hora primeira em que as sentimos.

Não se fazem velhas porque o espirito é eterno, nem perdem o frescor das primeiras horas porque as regam, por vezes as lagrimas doces da saudade que não morre. Vae o tempo rolando por sobre elas e não lhes apaga a memoria porque lhes não mata a saudade.

E' por isso que jámais se me apagará da memoria a grata lembrança da minha visita primeira á Foz do Arelho, pequena povoação a oito kilometros apenas das Caldas da Rainha, tão socegada e tranquila a remirar-se donairoso no lucido espelho das aguas da



ESTRADA DAS CALDAS
À FOZ DO ARELHO

pareciam furar o céu.

E o automóvel, como engulindo a estrada na sua fome de correr, resfolegando sempre em fremitos trementes de epiletico, perturbando com seu rumor o socego tranqüilo d'aquela bucolismo virgiliano, mostrava-nos mais adiante, á nossa esquerda, o *Nadadoiro*, 'peque-

rante os dias ásperos e as noites tempestuosas do inverno. O automóvel atirava-se perdidamente á loucura desvaivada d'uma velocidade vertiginosa, deixando atraz de si nuvens cerradas de fumo e pó.

Caldas da Rainha, de aspecto senhoril, sorrindo gentilezas a cada estranho que a visita; nobre e solemne da magestade solarenga dos seus velhos paços; fresca e risonha como a agua cristalina que brota abundante das suas diversas fontes; com o seu parque extenso e elegante, grandioso e encantador, florido e agreste, alegre das flores que lhe matisam as relvas e o impregnam de perfume, austero na rudeza da mata como transplantada para ali da natureza selvagem, sombreado aqui, como o impenetravel do mysterio, luminoso acolá, aberto e franco com um riso de creança; com as suas praças elegantes e grandes; com os seus predios artisticos e formosos e a sua população laboriosa e activa a formigar nas ruas, a agitar-se na vida, já nos ficava para traz.

A' frente era o imprevisito, o inesperado do desconhecido. As arvores que marginavam a estrada entrelaçavam os seus ramos frondosos e recebiam-nos amigavelmente sob as sombras benéficas de suas copas cerradas atravez das quaes se coava docemente a luz e a estrada coleando entre vinhedos, por entre campos arroteados, cultivados com carinho, a cada curva que fazia, a cada volta que dava, ia-nos mostrando os aspectos diversos d'um panorama soberbo. As *Aguas Santas*, um estabelecimento thermal aonde acorem em matinal passeio de todos os dias os que não fazem das thermas um ponto de diversão para que novas sensações do goso quebrem a monotonia do prazer, passa rapido ao olhar escondendo-se entre os eucaliptos que o circundam.

Depois, novamente o campo estendia-se por ahí fóra n'uma paisagem variada a que as manchas escuras de largos pinhaes davam aqui e além o realce d'uma sombra, e ia perder-se ao longe nos montes distantes que fechavam o horizonte e sobre os quaes os mo-

inhos de velas pandas, agitando seus braços gigantes, pareciam furar o céu.

na povoação de casaria dispersa pelas encostas de um vale que lhe passa em baixo e corria momentos depois, com maior sanha, como a fender o horizonte que abundantes pinhaes lhe fechavam a dois passos.

De repente mostra-se a distancia, alvejando entre o verde dos campos a casaria da Foz para logo em seguida esconder-se atraz dos pinhaes que a cercam: e quando mal nos prevenimos, quando a julgamos ao longe, n'uma volta estreita da estrada arrastando-se interminavel como imensa cobra a serpejar no prado, a povoação aparece-nos a dois passos, ali mesmo ao pé, como por encanto.

Nada tem de extraordinario. E' uma das tantas aldeias brancas, batidas de luz, sem arruamentos, sem harmonia estetica, que põem na vegetação das campinas portuguezas uma nota de alvura, de graça, de luz e de vida. De um lado, encurtam-lhe os olhares as colinas pedregosas, fortes parapeitos a resistir aos embates seculares das furias do oceano; do outro, a vista espraia-se n'uma vastidão imensa de horizontes franjados de grandes pinhaes e recortados por montes distantes a confundirem-se com o céu.

Mas o ar respira-se ali melhor. Os peitos arqueiam mais amplamente, voluptuosamente, a rebel-o; e como que sentimos infiltrar-se atravez dos pulmões, um novo germen de vida que nos purifica o sangue e nos robustece o organismo.

Os clamores da fama ainda não fizeram d'ela uma praia de elegancias: andava-se por ali á vontade, sem contrangimentos ridiculos que prejudicam. A população, agradável e boa, em contacto com a natureza, tomou d'ela as asperezas irritantes da rudeza e as cativantes simplicidades d'uma bondade encantadora. Havia na rudeza do seu falar uns ecos perdidos do oceano em tempestade e na bondade do seu coração um afago caricioso do ceo a sorrir. Por isso ainda a lembro com saudade.

Estavamos, pois, na Foz do Arelho. Batida dos raios do sol, ficava lá em baixo a lagôa d'Obidos a rebrilhar muito serena como enorme crystal de gigantescas proporções. Descemos para ela, metemo-nos em uma *bateira* e as pás dos remos, batendo em cadencia no espelho lucido das aguas, arrastaram-nos para longe.—Que encanto de paisagem! Que sedução de quadro! Que forte impressão de requintada

beleza! Que maravilha! Que assombro!

Além o oceano cheio de magestade a gritar provocante no sussurro constante das suas aguas as soberbas arrogancias do seu poder e a rugir mesmo em bonança, as ameaças eternas da sua ferocidade. E nós, separados d'ele apenas por uns altos morros de areia quebrados ao meio pela impetuosidade das aguas, em perfeito socego, em doce paz, como se nos tivéssemos imobilizado no centro de um grande espelho irregular, enorme, a que serviam



FOZ DO ARELHO
PALACIO ALMEIDA ARAUJO

de moldura as margens verdejantes da lagôa.

Reclinado no monte *Facho* o palácio Grandela, em estilo manuelino, gracioso, rendilhado, defendido em vasta extensão por um muro em ameias, dava á natureza do quadro um tom fino de arte e gosto; mais em baixo, elegante, denairoso elevando-se sobranceiro sobre os boidos de um rochedo a espreitar o abismo, o palácio dos conde de Almeida Araujo erguia-se magestoso como sentinela imóvel a espreitar a imensa amplitude dos mares: mais ao fundo sobre os rochedos batidos das ondas, o hotel; ali uma casa alvejante, acolá o *penedo furado*, enorme bloco de pedra atravez da qual passam carregados os carros de bois; e mais ao longe, espreguiçando-se encosta abaixo a beber as aguas da lagôa, a povoação do *Arelho*.

Que deslumbrante visão! Vejo-a ainda passados anos, nas saudades que d'ela me ficaram!

JORGE AFONSO

CINTRA E CASCAES

A partir de 15 do corrente, vae ser augmentado o numero de comboios n'estas linhas.

Tambem nos consta que brevemente será melhorado o serviço de comboios da Beira Baixa e tramways de Espinho.

E' pois uma agradável noticia que damos aos nossos leitores, principalmente aos veraneantes dos arredores de Lisboa e Porto.

EXPEDIENTE

As nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandamos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes do 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$10 (mil e cem reis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 reis).

Para a provincia fazemos remessa das capas mediante requisição e envio em vale do correio da importancia de 83 centavos.

Estando para se iniciar a cobrança do 1.º semestre do segundo ano da «Revista de Turismo», lembramos aos srs. assignantes que nos prestariam grande favor remetendonos directamente em vale do correio a importancia das suas assignaturas.

A cobrança pelo correio não só importa em grandes despesas e complicações no serviço da nossa administração, mas não é facil de se effectuar regular e eficazmente, em virtude de varias circumstancias, sendo uma d'elas a manifesta má-vontade de muitas estações postaes, que chegam a devolver os recibos sem os apresentarem aos assignantes.

LISBOA, 5 de Julho de 1917

REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA. □ □ □ □ □ □

ANO II SUMARIO: N.º 25

DIRECTOR
AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL
GUERRA MAIO
EDITOR
ANNIBAL REBELLO

Um anno I—A minha homenagem, por Magalhães Lima—A «Revista de Turismo», por José d'Athayde—«Bureaux de Renseignements» e o Turismo, por Padua Franco—A Revista de Turismo e a Imprensa—No aniversario da «Revista», por L. de Mendonça e Costa—O Algarve, por C. Marrecas—Impressões da nossa terra: DAS CALDAS Á FOZ DO ARELHO, por Jorge Afonso—Expediente.

Assinaturas
(PAGAMENTO ADEANTADO)
Ano..... 1800
Semestre..... 850
BRAZIL—Ano..... 75000
Numero avulso 5 cent.
PROPRIEDADE DA EMPRESA REVISTA DE TURISMO



REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: L. BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. da Abegaria) — TELEF. 2337—LISBOA

HOTEL METROPOLE

ROCIO, 30 Recomendado pela LISBOA
Sociedade Propaganda de Portugal

INSTALAÇÃO MODERNA — PRIMOROSO SERVIÇO DE COSINHA
TELEPHONE 3514 Central Telegramas: POLEHOTEL

Telegramas DUAFER
Telephones / 3521 Central
Lisboa, Porto, 54
EDUARDO A. FERNANDES
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
Agente da Companhia de Seguros
"PROSPERIDADE,"
Rua Aurea, 56 a 60
LISBOA

Nunes & Nunes, Snc.
CAMBIOS
E
PAPEIS DE CREDITO
COUPONS
CHEQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
End. teleg.: «DOISNUNES»
TELEF. 2108 Central
95, Rua do Ouro, 97 - LISBOA

HOTEL SERRA LUSO
ABERTO TODO O ANO
BONS QUARTOS E ALIMENTAÇÃO
Este HOTEL é iluminado a luz elétrica, e tem sala de visitas com bom piano
Executam-se todas as dietas
TRENS PARA PASSEIO E VIAGENS.
POSTO CORREIO
DIRIGIR PEDIDOS A
ALEXANDRE LOPES MORAES

«REVISTA DE TURISMO»
Temos à disposição dos nossos leitores e assignantes elegantes capas em percalina para Preço \$80 centavos (800 réis) o 1.º ano ao remetida a quem nos enviar a sua importância.

Grande HOTEL BORGES
RECOMENDADO PELA SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL
Corretor a todos os vapores e comboios On parle toutes les langues
TELEPHONE 445-C. Chiado, 108 (R. Garrett)
LISBOA - PORTUGAL

DEPOSITARIO:
MARIO DE LIMA NETTO
L. de S. Julião, 12, 2.º—LISBOA

FOTOGRAFIA
FIRENZE
CASA ESPECIAL DE
AMPLIAÇÕES E REPRODUÇÕES D'ARTE
Telefone 1152 Central
38 - R. de Serpa Pinto—LISBOA - 38
(Junlo ao Theatro de S. Carlos)

A LUZITANA
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital 500.000\$



SEDE EM LISBOA:
R. IVENS, 51, 1.º
N.º Telefonico C. 1969
Endeço telegrafico
LUZA
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Conde de Verride
Antonio de Vasconcellos Correia
Carlos Leitão
EFFECTUA SEGUROS sobre a vida, contra accidentes de trabalho, contra roubos, contra incendio, agricolas, maritimos, postaes, de vidros e cristaes, contra graves, tumultos e guerra.

LOTERIAS COMPLETO SORTIDO DE BILHETES E FRAÇÕES PARA TODAS AS EXTRAÇÕES.
SORTES GRANDES FREQUENTES.

GAMA
ANTIGA CASA
MANAÇAS 49, RUA DO AMPARO, 49 — LISBOA.

Banco Nacional Ultramarino

CAPITAL 12.000 contos RESERVAS 3.750 contos

CAPITAL REALIZADO 7.200 contos

Filial no PORTO: Praça da Liberdade

FILIAES NO BRAZIL

RIO DE JANEIRO (Rua da Quitanda SUB-AGENCIA: P. 11 de Junho (Bairro Novo)

S. PAULO, SANTOS E PARA'

Filiaes em todas as capitais e cidades importantes do ULTRAMAR

Correspondentes em todas as cidades do mundo e nas principaes localidades do Continente e Ilhas

Depositos á ordem e a praso.

Saques e ordens de pagamento sobre o estrangeiro.

Operações bancarias em todos os generos com as colonias, continente, Brazil e estrangeiro.

Saques e cartas de credito directas e circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

ESTANCIA DE VIDAGO

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 30 DE SETEMBRO

Novo estabelecimento fisioterapico

BANHOS d'immersão d'agua commm, banhos d'immersão d'agua commm seguidos de fricção d'agua de colonia, banhos alcalinos nataraes, banhos alcalinos aromaticos ou de Pennés, banhos glicerizados, banhos d'amido, de ulla e sêmas, lerebentimados, gelatinosos e de vapor.

Duches frios, quentes e escoceses de agulhas, circulares e de chuva. Duches a correntes rectas e radiais, irrigações nasas e faringias, inalações e pulverizações, applicações testas com agua alcalina e com os mais aperfeçoados e modernizados aparelhos.

Massagens secas e submarinas por massagistas dos dois sexos, devidamente diplomados Desinfecção pelo vapor dos aparelhos e roupas.

Luxo, elegancia e assio. Os serviços hidroterapicos são dirigidos pelos medicos da estancia.

Atas separadas para o serviço fermal de senhoras e homens.

VIDAGO-PALACE-HOTEL

BEM CONHECIDO COMO UM DOS MELHORES DA EUROPA MODELAR EM LUXO, ORDEM E CONFORTO

GRANDE HOTEL DE VIDAGO

ANTIGO E AFAMADO HOTEL

Medicos permanentes / DIRECTOR—Dr. Tenreiro Sarzedas / ADJUNTO—Dr. Annibal Fernandes

Correspondencia e informações:

VIDAGO

LISBOA—Avenida da Liberdade, 124
PORTO—R. Candido dos Reis, 93

De LISBOA a VIDAGO já se pôde fazer a viagem n'um só dia

Quem tomar lugar no comboio rapido para o Porto, que ás terças, quintas e sabado: sai da estação de Lisboa ás 8,30 minutos da manhã e chega á estação de Campanhã ás 4,13 da tarde, tem ás 4,58 d'essa mesma tarde um comboio que sai de Campanhã, e chega a Vidago á meia noite.

Para o regresso, identica combinação ha feita, nas segundas, quartas e sextas feiras.

LISBOA
Largo de S. Julião, 1 a 6
P. do Municipio, 35 a 38

BORGES & IRMÃO

PORTO
Sã da Bandeira
Bomjardim

BANQUEIROS

RIO DE JANEIRO—Rua da Alfandega

Achat et vente d'effets commerciaux sur l'étranger. Monnaies de tous les pays. Fonds publics.

Compra e venda de cambiaes. Moedas de todos os paizes. Papeis de Credito nacionais e estrangeiros.

Peçam sempre os VINHOS

AMARANTE

Deposito: RUA DO ARSENAL, 114-LISBOA

CALDAS DO MOLEDO

NOVO HOTEL VILHENA

Montado a pedido e reclamações dos Srs. aquistas, o unico de construcção moderna, com as comodidades em dieta, sala de jantar com mesas pequenas, salão de festas, e visitas com piano. Serviço de 1.ª ordem feito com a maior atenção do seu proprietario. O mais distintamente frequentado. O mais preferido pela colonia brasileira, o unico com jardim para refeições ao ar livre. Podendo os Srs. aquistas utilizar-se do serviço em lanche sem augmento de preço. O hotel e situado a 50 metros do estabelecimento balneario. Carruagens a todos os comboios e representante para as devidas informações.

E' sempre conveniente prevenir aposentos, e esperar a sua confirmação.

Previnem-se os Srs. aquistas não tomarem outro hotel sem serem este.

SUCURSAL EM LAMEGO. NOVO HOTEL VILHENA Proprietario—JOSÉ LOPES VILHENA

Humber

CYCLES LONDON

PEDRAS SALGADAS

GRANDE HOTEL

Aberto desde o dia 20 de maio

Excelentes quartos e serviço esmerado, como podem atestar os numerosos frequentadores d'esta casa, a mais antiga do estabelecimento thermal, novamente reformado e muitissimo augmentado.

Luz electrica em todos os aposentos

Serviço d'automoveis á chegada de todos os comboios para condução dos senhores hospedes e suas bagagens

Para mais esclarecimentos dirigir-se a

Manoel Pereira
PEDRAS SALGADAS

DEEM AOS VOSSOS FILHOS
O MELHOR
TONICO

IODONAL

FARMACIA

FORMOSINHO

P. dos Restauradores, 18

TELEPHONE 4220 C. LISBOA

PÓS DE KEATING MATAM

FORMIGAS BARATAS PERCEVEJOS PULGAS TRACAS

DEPOSITO PARA REVENHA
102, Rua dos Figueiros, 1
TEL. C. 1717 LISBOA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Fabricas em LISBOA E PORTO

Séde: Avenida da Liberdade, 12 LISBOA

TELEFONES 340 2811 CENTRAL